

MARXISMO, PSICANÁLISE E ESCOLHAS MORAIS (ENQUANTO REFLEXO SUBJETIVO DA OBJETIVIDADE)¹

MARXISM, PSYCHOANALYSIS, AND MORAL CHOICES (AS A SUBJECTIVE REFLECTION OF OBJECTIVITY)

Enoque Feitosa²

<https://orcid.org/0000-0002-5389-0604>

Resumo: O presente artigo tem como objeto discutir o problema da escolha moral a partir de um duplo olhar: por um lado, através de um referencial teórico marxista e, por outro lado, sob a ótica de um recorte da tradição psicanalítica, nos valendo de uma parte (bem delimitada) do legado freudiano. A originalidade desses dois sistemas de pensamento consistiu em criticar as filosofias meramente especulativas. Ambas correntes entendem - ainda que a isso tenham chegado por vias diferentes - que é impossível compreender os valores morais estabelecidos na sociedade ou o processo de sua consolidação sem, primeiramente, se compreender o ambiente e os conflitos desta mesma sociedade. Em consequência desse recorte, pretendendo indagar, como problema, se a cultura marxista o faz apenas pelo olhar acerca da infraestrutura e se a psicanálise procederá apenas pelo referencial da vida interior, ignorando a base material de tais conflitos. Diga-se, de logo e como hipótese que nossa resposta a tal indagação é negativa vez que os olhares das duas aludidas culturas expressam os conflitos humanos quer por sua base material quer em sua implicação emocional, acentuando uma ou outra, mas sem ignorar das contrafações respectivas supracitadas. Por isso, não constitui nossa intenção, como *iter*, discutir a moral como um dado ontológico, prefixado e rígido, mas sim situando-a, e aos interesses humanos, como dados inseridos na história e não fora dela. Trata-se, metodologicamente, de pesquisa puramente bibliográfica, cujo referencial teórico tem como ponto de partida a afirmação marxiana pela qual e segundo a qual “se o ser humano é fruto das condições, trata-se, pois de tratar tais circunstâncias humanamente”

Palavras-chave: Marxismo. Psicanálise. Ética. Filosofia prática. Práxis. Moral.

Abstract: The aim of this paper is to analyze the question of moral choice from a critical view of Marxism. The originality of both thinking systems is to criticize the speculative/idealist philosophies. This currents considers it is impossible to understand the established moral values in society or the process of its establishment, without first understanding the environment and the conflicts of that society – marxism does so by looking at infrastructure and psychoanalysis

¹ O presente ensaio tomou como base (e é uma versão bastante modificada e atualizada) de um dos capítulos da tese doutoral em filosofia [que defendi] cujo título original foi “O marxismo e o problema da escolha moral”, em 2009 no âmbito do então PIDF/UFPB-UFPE-UFRN.

² Professor Titular na UFPB. Professor permanente nos Programas de Pós-Graduação em Direito e em Filosofia na UFPB, do qual é vice coordenador. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4321425005255787>. Email: enoque.feitosa@academico.ufpb.br

thorough the reference of inner life. Thus, it isn't the thesis- problem of discussing the moral argument as an ontological given, prefixed and closed, but placing the moral and human interests as facts entered in the history and not outside it. According to founders of Marxism, if the human being is the result of conditions, it is, therefore, to make these conditions humanly.

Keywords: Marxism. Psychoanalysis. Ethic. Practical Philosophy. Praxis. Moral

Para Marconi Pequeno —grande Mar! — que leu este ensaio anos atrás, na minha tese de filosofia e o releu recentemente, dando ricas sugestões. Com admiração, meu mestre, meu colega, meu amigo.

Carlos Lopes, com quem convivi a partir do ano da graça de 1978, na República da Rua Lins Petit, no Recife — e até hoje. Médico psiquiatra e jornalista, que também leu e opinou com generosidade e profundidade, especialmente sobre o velho Sigmund.

Raquel, tempestade e ímpeto, que insistiu acerca de aspectos que lida e estuda desde sempre, com firmeza e rigor peculiares — a vida emocional.

A quatro ases da arte política, arte retórica e arte poética — Gregória, Glauce, Rangel Jr e Waldir Porfírio (em nome de toda gente boa com quem este modesto coringa da vida orgânica convive) — dedico e agradeço a generosa disponibilidade em discutir ideias, ler e opinar sobre tudo e sobretudo...³

Antonio Dias, coordenador do GT Ética e Cidadania, da ANPOF, que tem paciência.

Nós não antecipamos dogmaticamente o mundo,
mas tão somente queremos encontrar o novo
a partir da crítica ao mundo velho

³ Na finalização do presente texto — que trata de fatores inconscientes nas escolhas morais — esse paralelo me veio a lembrança pelo nome de grupo musical de quase um século atrás (“Quatro batutas e um coringa”) e que dá nome a um magnífico disco do ano da graça de 1987 no qual o carioca (bahiano por adoção), o “coringa” Jards Macalé, homenageia quatro dos gigantes de nossa rica MPB: os “ases” Geraldo Pereira, Lupicínio Rodrigues, Nelson Cavaquinho e Paulinho da Viola.

(Marx, 1987a, p. 458).⁴

As proposições teóricas dos comunistas de modo algum repousam em ideias, em princípios que foram inventados ou descobertos por este ou aquele reformador. Elas são apenas expressões gerais das relações efetivas de uma luta de classes que existe, de um movimento histórico que ante nossos olhos se processa.
(Marx e Engels, 1982, p. 425)

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo, cuja forma ensaística⁵ deriva da opção de não se ter pontos de partida rigidamente fixados. mas que - não obstante esse aspecto de abertura – inicia-se com um pressuposto o qual, ainda que pareça um truísmo, tem seu consenso solapado quando se aprecia uma determinada forma de regulação - a moral - por um viés materialista e histórico, qual seja: mesmo que a esfera da moralidade (individual ou social) objetive dar conta de uma demanda coletiva qual seja, a necessidade social de disciplinar as relações humanas numa certa direção, tal forma de vivência se expressa no corpo social e em cada pessoa enquanto processo subjetivo.

Por isso mesmo constitui apreciação que não se ignorará neste escrito a tentativa de se buscar construir uma sólida reflexão que desvele os fundamentos das relações entre marxismo, moral e psicanálise e buscar refletir acerca dessas relações, sob um viés da cultura marxista, e o fazendo não apenas tendo como lastro a vida inconsciente mas pensando-a a luz da prática social e examinando os problemas éticos daí decorrentes para que se forje uma sólida compreensão acerca de como fatores objetivos rebatem e interagem no plano emocional/subjetivo.

Seu objeto é, portanto, discutir o problema da escolha moral a partir de um duplo olhar:

a) por um lado, através de um referencial teórico marxista e,

⁴ Confira também em Marx (2008).

⁵ Opta-se por essa forma em razão de sua construção mais aberta, fazendo perguntas, testando hipóteses, quase que “um pensar em voz alta”, conforme Hume. Sobre a forma ensaio, confira: Hume (2020) bem como Adorno (2003, p. 15-45). E, muito especialmente, Michel de Montaigne, tido como precursor do gênero, em “Os ensaios” (“Essais”, 3 vols entre 1572-92). No Brasil temos uma boa coletânea organizada por Rosa Freire d’Aguir (São Paulo: Cia das Letras, 2010), especialmente p. 515, com um enorme conteúdo psicanalítico: “há mais trabalho em interpretar as interpretações do que em interpretar as coisas” (“Sobre a experiência”); e por fim: **Ensaio**s (3 volumes), Rio de Janeiro: Globo, 1961, edição completa, baseada no texto original estabelecido por Albert Thibaudet para a Bibliothèque de La Pléiade, com prefácio, introdução e notas de Sérgio Milliet.

b) por outro, fazê-lo sob a ótica de um recorte da tradição psicanalítica e na qual nos valendo de forma circunscrita aos fins que aqui se propõe, do legado freudiano.

É de registro necessário, e em razão de nossas pretensões no presente trabalho, salientar que a originalidade dessas duas abordagens – a marxista e a freudiana - consistiu em, desde as suas escolhas metodológicas e de seus objetos (o inconsciente e o ser social), criticar os sistemas puramente especulativos anteriores na medida em que as duas correntes mencionadas mesmo adotando trilhas filosóficas diversas perceberam ser impossível compreender e interpretar os valores vigentes num dado agrupamento humano, bem como ao processo de sua consolidação sem que se situasse seu ambiente e conflitos a partir de suas bases primordiais – os fatores materiais (portanto, concretos e conscientes) e sua base emotiva, via de regra e em boa parte, inconsciente.

Em consequência desse recorte, o problema, consiste em saber se a tradição fundada por Marx e Engels pensa tais problemas humanos apenas pelo viés tosco das condições materiais e se, em contrafação, se a psicanálise as pensa tão somente a partir de um vertente emocional. Nossa hipótese a tal questão é negativa dado que o trato dessas relevantes correntes de pensamento e ação ao abordarem os conflitos enquanto elementos constitutivos da vida humana quer por sua base material quer em suas consequências emocionais, dão o acento específico de sua abordagem sem, contudo, ignorar as contrafações que lhes dão especificidades nas respectivas praxis.

Isso pelo fato de que não há como pensar a esferal moral-emotiva e nem tampouco a vida econômica enquanto dualismo rígido, antíteses dogmaticamente prefixadas mas sim enquanto aspectos da vida e dos interesses humanos, quer dizer, na história e isso sem olvidar que, quanto ao seu recorte metodológico, trata-se aqui uma pesquisa de caráter centralmente bibliográfico, cujo referencial teórico tem como ponto de partida a afirmação marxiana pela qual e segundo a qual “se o ser humano é fruto das condições, trata-se, pois de tratar tais circunstâncias humanamente”.

Ainda assim, apesar de examinar circunstâncias, aqui o faremos com a devida cautela no sentido de reforçar seu aspecto teórico pelo que se recorrerá com muita concisão aos exemplos vez que – como lembrara Kant no prefácio a primeira edição da ‘Crítica da razão pura’, em 1781, “exemplos e explicações ainda que pareçam sempre necessários, quando expostos de maneira seca e escolástica alongam demais uma obra” (Kant, 2001, p. A-XVIII-XIX).

Na primeira parte se abordará os problemas das escolhas morais e como ela, em relação

dialética, reflete a vida interior mas também dela é reflexo. Em seguida faz-se uma panorâmica cujo recorte é aqueles aspectos da teoria que fundamenta - como e em que medida -, na tradição marxista, os fatores não-conscientes, isto é, o *id*, o *ego* e o *superego*, atuam nas e sobre as escolhas morais. Na terceira e última parte, imediatamente anterior as conclusões, tem-se como foco a crítica efetuada pela cultura marxista no tocante as questões acerca do inconsciente, da vida instintiva, dos seus reflexos nas escolhas morais e as virtualidades e os limites dessa abordagem.

2 ESCOLHA MORAL E VIDA INTERIOR

No presente artigo, como já dito, optou-se em adotar um formato ensaístico em detrimento de um artigo cujos pontos de partida estivessem previamente fixados e não obstante seu caráter aberto, inicia com um pressuposto o qual, ainda que pareça um truísmo, tem seu consenso solapado quando se aprecia uma das formas de regulação - a moral - por um viés materialista e histórico, qual seja: ainda que não-coercitiva, a moral objetiva dar conta de uma necessidade, que é, ao mesmo tempo, social e individual: regular (e autoregular) as relações dos indivíduos numa certa direção, com os outros e/ou consigo mesmo e que, por isso, é vivenciada pelo sujeito enquanto processo subjetivo.

Como aponta Adolfo Sanchez Vazquez (1985, p. 19-20), para a elucidação de seus mecanismos de funcionamento e de como se dão as escolhas morais no mundo da ação humana, a psicologia (e aqui se acrescente a psicanálise) contribuem fundamentalmente para a compreensão das aludidas escolhas as quais evidenciam certas leis e padrões que regem as motivações internas do comportamento e contribuem no esclarecimento das condições internas, ou seja, subjetivas, do ato moral.

Assim, constitui-se enquanto problema específico deste artigo buscar refletir acerca das relações entre moral e psicanálise, o sob uma perspectiva marxista e sob a luz da prática social dos humanos, examinando os problemas éticos daí decorrentes e compreendendo como eles interagem, no plano emocional – quer consciente quer inconscientemente – com os valores e, por derivação, os problemas das escolhas sobre o agir, vez que a moral ao comportar e refletir interesses, motivações e elementos emocionais presentes no ação humana ajuda-nos a compreender não apenas o significado das decisões mas também a finalidade dos atos e assim diferenciar o que é ontológico, inato (vez que biológico) daquilo que é cultural na medida em que adquirido. Tratando-se, em outros termos, de saber separar o que é natureza/primitivo e o

que cultural/adquirido (Pimentel Pequeno, 2017, p. 123-132), o que é do ser e o que é do dever, enfim, o que é descrição e o que é prescrição (Hume, 2001, p. 509)⁶.

Visa também discutir, aliado às relações entre marxismo e psicanálise, se é possível falar de uma ética ou mesmo de uma exaltação explícita dos valores morais no pensamento de Marx e do reconhecimento de como um elemento central da subjetividade, isto é, a emotividade (Pimentel Pequeno, 2017, p. 147-150 e *passim*), bem como a forma pela qual ela é tratada por essa corrente filosófico-política de pensamento, examinando como elementos inconscientes podem – e em que medida o fazem – interferir nas escolhas éticas, visto que se o acento do marxismo, ao contrário da psicanálise, foi a valorização do fator consciência na vida social, muito embora como chama atenção um estudioso atento (tanto de Marx quanto de Freud) que a obra do segundo só atinge sua marca própria e contribuição original a partir de “A interpretação dos sonhos”, escrita em 1900, na qual já se concebe a psique humana de um ponto de vista, simultaneamente, ontogenético e filogenético, ou seja, histórico (Lopes, 2025a).⁷

Dentro do próprio campo teórico do marxismo — ainda que extremamente multifacetado — é de se notar que as tentativas de afastamento da problemática da escolha moral - e como elas se refletem como conflito entre racionalidade e emotividade – não é algo que se diga marcado por grandes êxitos.

Tal dificuldade se manifesta — e é esta a perspectiva do presente artigo – por que mesmo a opção de um indivíduo em pugnar por determinados demandas de uma classe ou setor da sociedade, ainda que historicamente motivada e fundamentada numa concepção científica da história, só de ser escolha de uma entre várias opções postas, já denota o seu caráter ético, como se verá ao longo de nossa exposição, e não meramente histórico-científico no sentido determinista e causal que tal termo indica e ainda que se possa afirmar também que tais opções que lhes foram postas não é fruto de mero acaso, mas do próprio contexto em que se vive.

Assim, “a adesão de Marx às idéias socialistas se deu anteriormente à sua justificação científica” (Magalhães, 1998, p. 63), ou seja, desde sua tese doutoral sobre as relações, na especulação grega, entre as filosofias de Demócrito e Epicuro, suas opções políticas foram

⁶ Na edição inglesa de *A Treatise of Human Nature*, confira em Hume (1997, p. 469-470, Book III, 1st part, Seccion 1, fine), da editora Clarendon Press.

⁷ O autor do artigo mencionado é redator-chefe do Jornal Hora do Povo, Médico-psiquiatra formado pela UFRJ, Vice-presidente nacional do PCdoB e membro do Grupo de Pesquisa sobre Problemas e desafios contemporâneos da teoria marxista. O mesmo artigo de Lopes (2025a) foi reproduzido e publicado (com novo título — Freud e o marxismo) em 12.02.2025 no sítio <<https://horadopovo.com.br/freud-e-o-marxismo/>>. (Lopes, 2025b).

frutos — antes de tudo — de uma decisão ética e não, ainda e já, da crítica da economia capitalista, que não estava sequer esboçada *in status nascendi*, em seu pensamento.

E isto ocorre — em Marx, bem como em qualquer ser humano consciente de seu papel ativo na sociedade — porque a interpretação do real em função de um critério prévio da necessidade de sua transformação (e nem mesmo a própria atividade transformadora) pode se dar sem um juízo crítico sobre o que há de ser transformado.

Sendo assim, não se constitui em questionamento destituído de significação saber se uma filosofia que pretenda oferecer não apenas uma nova interpretação do mundo, mas também sua transformação, esteja isenta de um exame moral, mas também saber se seria logicamente possível que, ela mesma, fosse imune à ética e — ainda que racional, como se pretende o marxismo — esteja dispensada de compreender aquele âmbito não manifesto racionalmente, qual seja, a emoção.

Por isso, se há de se falar num imperativo ético em Marx só pode ser o de fazer mudar o estado de coisas vigentes, na medida em que se o ser humano é formado pelas circunstâncias o que se faz necessário, pois, é tratá-las humanamente (Marx e Engels, 1971, p. 153). Assim, o ponto nodal a ser afirmado não é louvar ou condenar esta ou aquela motivação que impulsiona o indivíduo, na medida em que se o interesse — ou seja, um componente que tem fortes aspectos emotivos — é o princípio basilar de qualquer moral, passa a importar então, como aspecto fundamental, que o interesse privado de cada um coincida com os interesses gerais da humanidade, como assinalado pelo próprio Marx (2003, p. 149-150), vez que a ação interessada, não obstante, é um componente essencial e substantivo, ineliminável, portanto, do ser social.

Por isso, a questão central, como notara o próprio Marx, é definir o caráter desse fazer interessado. Isso por que ele tinha plena clareza de que o conflito egoísmo *versus* abnegação – conflito marcado pelo componente emotivo supracitado – não tem porque ser interpretado como uma antítese desligada do desenvolvimento social e histórico da humanidade.

Não é mera coincidência que na sua principal obra de maturidade, *O capital*, ele reconheça que até mesmo a determinação do valor do trabalho contém elementos históricos e morais. Examinemo-la em sua literalidade, como convém a uma citação que expressa um conceito-chave:

O âmbito das, assim chamadas, necessidades básicas bem como o modo de sua satisfação é, ele mesmo, um produto histórico que depende grandemente, por isso, do nível cultural de cada país (...), portanto, com que hábitos e aspirações de vida se constituiu a classe dos trabalhadores livres. Em antítese

às outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho contém, por conseguinte, um elemento histórico e moral (Marx, 1983a, p. 141).

O que Marx não podia saber — e o desenvolvimento da ciência de então não lhe permitia ainda ter claro, como assinala um qualificado biógrafo de Freud⁸ — era que tal escolha sofria profundas interferências daquele mundo que foi pouco explorado pelo continente científico ao qual Marx se dedicou (refiro-me a economia).

Quer dizer, o foco nas relações econômicas e seu modo de expressão no poder temporal não permitiu — nem a Marx e nem a Engels — se aprofundarem nos fatores não-conscientes, qual seja, o âmbito do inconsciente e o próprio caráter emotivo das escolhas, o que pode resultar profundos conflitos entre consciente e inconsciente, entre razão e sensibilidade.

Marx nasceu em 1818. Seu primeiro escrito de vulto (ainda que não se possa exatamente dizer que represente seu pensamento já amadurecido) foi a tese doutoral em 1841 acerca das relações entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro. Por sua vez, as obras de maturidade (quando começa a se manifestar um pensamento autônomo) datam — com todo risco das periodizações — a partir de 1845, ainda que os traços de continuidade entre os dois momentos aludidos não neguem, antes ao contrário, o salto de uma etapa a outra.

Note-se que Freud nasce em 1856 e Marx morre em 1883. E só em 1891 Freud publica seu primeiro livro — um estudo sobre as afasias, que um de seus mais autorizados biógrafos, Peter Gay, considera apenas “uma obra de revisão”. O termo “psicanálise”, Freud só usa em 1896 e *A interpretação dos sonhos* só é publicada em 1899, dezesseis anos após a morte de Marx.

Cotejando aproximações entre Marx e Freud, este assume sem rodeios sua dívida para com Feuerbach que é, ao lado de Hegel, quem mais influenciou pensamento de Marx. Hegel com a dialética; Feuerbach com o humanismo radical e a crítica da religião. E é o próprio Freud — citado por Peter Gay — quem assinala que “no primeiro ano de Universidade iria dedicar-se aos estudos humanísticos” e entre todos os filósofos o que lia com mais proveito, conforme suas palavras, seria Feuerbach, “este homem que mais venero e admiro”⁹.

E, do mesmo modo, Marx reconhecia esse legado. É ele quem afirma, num escrito de juventude, que “se se quer ver as coisas tais quais elas são, isto é, se se quer descobrir a verdade

⁸ Para uma apreciação de Freud quanto às ideias comunistas, ver: Peter Gay (1989, p. 537-538).

⁹ Carta de Freud para Silberstein em 7/03/1875, citada por Peter Gay (1988, p. 52). Ver a íntegra da *Carta* de Freud em *Collected Works* (The letters of Freud to Eduard Silberstein 1871-1881), editada por Walter Boelich, March 7, 1875. Disponível em: <<https://pep-web.org/browse/document/ZBK.029.0094A?index=60&page=P0094>>. Acesso em 05 mar. 2025.

e chegar à liberdade, é imprescindível ultrapassar um *rio de fogo* e este rio de fogo de nosso tempo é Feuerbach” (Marx, 1987b, p. 148-149). Marx faz, aqui, um jogo de palavras para expressar sua referência/reverência com Feuerbach, uma vez que, no idioma alemão, ‘*Feuerbach*’ significa “rio de fogo”.

Assim, a questão que se coloca é a de que não apenas não seria possível, naquele momento, aos fundadores do campo de pensamento que aqui ora se estuda ter uma compreensão de como a situação de estranhamento do sujeito na sociedade capitalista se reflete na sua vida interior, como também lhes foi impossível detectar os mecanismos que o próprio indivíduo forja para resistir às deformações que uma vida emocional devastada os leva e que é produto das cisões da sociedade em que os sujeitos são feitos objetos.

A grande descoberta de Marx e Engels, aprofundada pela parcela filosoficamente mais avançada da cultura marxista foi, por um lado, desnudar os mecanismos do desapossamento do indivíduo e as vias de superá-lo e, por outro, a percepção do ser humano enquanto essencialmente natural, mas não como os demais animais que encontram o mundo já anteposto para si (Oliveira, 1997, p. 249).

No entanto, faltou — na época — a dita cultura marxista perceber que o ser humano além de estabelecer relação com os outros e com a natureza, adequando-a para si, no processo de primazia da consciência sobre o instintivo, também constroi e estabelece conexões consigo mesmo (a capacidade de autoreflexão), uma elevada forma de manifestação da vida humana como atividade não meramente poética (prática não-reflexiva) mas, centralmente, refletida (ou seja, práxis — quer dizer, prática pensada) e na qual também lida consigo mesmo.

Há uma primazia da vida consciente, claro. Mas, os fatores instintivos não podem ser subestimados, inclusive quanto ao modo como atuam sobre a atividade humana de se situar no / perante o mundo. E isso complementa e esclarece a tese da primazia da consciência, a qual e dessa forma, adquire inteligibilidade e nos diferencia de todo reino animal, vez que antes de criar / produzir o objeto, a consciência o antepõe na imaginação.

Por isso mesmo, excetuadas algumas observações isoladas sobre os tipos de impulsos que movem os indivíduos, praticamente pouco se encontra nos escritos de Marx, que trate da abordagem de problemas psicológicos, eis que esse saber humano que trata da vida mental/emocional não apenas era carente de acúmulo mas também de quem abrisse portas de um novo continente de saber. Ainda assim, o que foi objeto da reflexão na filosofia e na cultura dialética moderna foi da maior relevância ao evidenciar uma capacidade de indagar sobre

certos aspectos do agir humano e as motivações inconscientes do mesmo.

Quando se refere ao problema, Marx insiste, de forma correta e recorrente, em conectar a compreensão da estrutura emocional ao seu caráter social, como sucede nos chamados “Manuscritos econômicos-filosóficos de 1844” (terceiro manuscrito – Sobre propriedade privada e comunismo), no qual ele aponta que a história da produção e da sua existência objetiva é o livro aberto das faculdades essenciais do ser humano, a sua exposição aos sentidos da psicologia humana e, como toda atividade até então tem sido, ao trabalho.

Dessa forma — Marx prossegue mais adiante — uma psicologia para a qual esta parte essencial da histórica contemporânea, acessível aos sentidos, permanece um livro fechado, isto é, incompreensível, não pode tornar-se uma ciência autêntica, geral e real. E ele arremata, com propriedade, acerca da necessidade da conexão entre psicologia e o mundo do trabalho, perguntando: o que pensar, realmente, de uma ciência que, aereamente, se abstrai dessa grande parte do trabalho humano e que deixa de sentir sua própria insuficiência? (Marx, 2005a, p. 111).

Assim, a razão da pouca referência ao problema não reside na completa ausência de qualquer reflexão ou falta de interesse em analisar problemas dessa ordem. Reside sim, como apontado acima, no fato de na época em que viveram Marx e Engels a psicologia ainda não tinha adquirido uma dinâmica e autonomia científica tal que pudesse proporcionar uma massa de informações sistematizadas em forma de conhecimento.

Por outro lado, entender o movimento da sociedade capitalista, não apenas no terreno da economia, ou seja, no seu momento infraestrutural, mas também localizar suas repercussões no mundo das idéias, nas crenças e, contemporaneamente, na vida emocional e no seu componente inconsciente, permite não apenas situar historicamente as contradições, mas compreender que uma teoria descritiva destituída de um forte apelo no sentido de mudar o estado de coisas, tornar-se-ia algo sem sentido.

E é por entender como histórica tais contradições que o marxismo, ao mesmo tempo em que tenta questionar as pregações de natureza ética, não tem como se colocar como uma forma de reflexão isenta de apelo moral. Em consequência, e por isso mesmo, quando se trata de abordar as zonas comuns entre Marx, um cidadão típico do século XIX mas que via além de seu tempo, com Freud, que sendo do século XX também viu mais além, avulta que o principal ponto de identidade entre eles foi o esforço para fornecer aos seres humanos uma visão correta

da realidade, que rompesse com todas e quaisquer cadeias da ilusão.¹⁰

Essa superação das ilusões se dá, ao nosso entendimento, através de três elementos: **a)** a dúvida metódica cartesiana (“o duvidar de tudo e não aceitar como verdadeiro algo que não seja evidente enquanto tal” (Descartes, 1989, p. 44); **b)** o reconhecimento, herdado de Publius Terentius, pelo qual aquilo que é humano não pode ser tratado como algo estranho (“nada que é humano me é estranho”¹¹) e, por fim, **c)** talvez pela herança judaico-cristã de Marx, a idéia que a verdade liberta o ser humano, ou como posto no livro sagrado de um daqueles agrupamentos: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (VVAA. Bíblia Sagrada, 2024, cap. 8, vers. 32).

Esse humanismo radical e não isento de considerações emotivas se dá porque para quem é humano não é custoso admitir que o humano deva ser, para os próprios humanos, o único ser supremo. Ocorre que, para superar as forças que subjuguam a possibilidade de efetivação de um humanismo pleno só se pode contar (e tornar possível de efetivação essa nova configuração) pela via da subjugação do passado exatamente pelas forças materiais que impulsionam o futuro. (Marx, 2005b, p. 151).

Tal constatação permite perceber o marxismo ao mesmo tempo como uma filosofia da ação humana sem viés moralista, o que não lhe impede de ter forte apelo ético e nem tampouco de que os que atuam socialmente o façam, e ao mesmo tempo por uma compreensão histórica do real e, simultaneamente, motivado por razões éticas, visto que o agir é, sempre, escolha entre alternativas. E, por isso mesmo, as relações entre marxismo, escolhas morais e o componente emocional que as envolvem devem ser vistas no contexto de um intenso debate e de uma série de equívocos antes do marxismo em relação à psicanálise do que do oposto.

Vários teóricos procuraram enfrentar, sob diferentes enfoques, o problema de tal relação e aqui se examinam alguns desses aspectos dos quais, desde já, dois deles chamam atenção: o **primeiro** e no qual se mostram claros elementos psicanalíticos, é a questão da relação da esquerda marxista com as correntes que lhes foram antecedentes e o que tem de emotivamente contido nessa relação; o **segundo** diz respeito a como conciliar uma teoria que advoga que os elementos fundamentais da prática situam-se no terreno da consciência com outra teoria que situa tal importância exatamente no papel que o inconsciente joga na estruturação do sujeito.

¹⁰ Para Marx (1982, p. 491-504), “a exigência de o ser humano abandonar as *ilusões* sobre sua *condição* é a exigência de abandonar uma *condição* que *necessita de ilusões*”.

¹¹ Publius Terentius Afer, jurista e dramaturgo romano. Viveu entre 185 – 159 a.C. A sentença mencionada, uma das preferidas de Marx, mas erradamente atribuída a ele, aparece em uma das peças de Terêncio, intitulada “O castigador de si mesmo”. Confira In: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/Terencio.html>>. Acesso em 05/12/2008.

Assim, não é questão de somenos importância para qualquer indivíduo ou agrupamento social que chame para si a tarefa de situar a relação problemática entre o campo do saber fundado por Marx, a prática social que o envolve e como esse complexo lida com a questão da escolha moral que, ainda que histórica e classista nem sempre se apresenta clara e consciente ao sujeito.

Abordar tal questão como parte relevante do processo de emancipação humana é do que se trata na próxima seção na qual se aborda um aspecto relevante da (e para) a cultura política marxista: os fatores — nem sempre conscientes — de como se realizam as escolhas morais.

3 A TRADIÇÃO MARXISTA E OS FATORES NÃO-CONSCIENTES NA ESCOLHA MORAL

Não é de se surpreender que uma teoria que, no campo da gnosiologia, defenda a primazia ontológica do real em relação às idéias e que, no terreno da ação, formule a consciência como fator fundamental para que se transformem as relações sociais tenha tido, através de seus seguidores, dificuldades em lidar com o universo teórico que advoga o papel do inconsciente não apenas na estruturação da personalidade, mas — e aí reside o ponto fundamental — na vida vigil do indivíduo.

Engels (1977, p. 95) defendia, em um de seus escritos, a tese pela qual determinados estados mentais eram expressão fisiológica de fenômenos materiais. Para ele, as influências do mundo exterior sobre os seres humanos se refletiam em suas mentes enquanto emoções, pensamentos, impulsos e desejos, o que mostra, no essencial, uma concepção não tão estranha a ideia psicanalítica do papel das pulsões, aqui entendida (embora se trate de um termo com gênese imensamente complexa) de instintos, impulsos naturais, força, ímpeto, que está, conforme a literatura especializada, na origem semântica do *trieb* (do alemão, pulsão) freudiano.¹²

Mais contemporaneamente, Agnes Heller quando discutiu o sistema das necessidades em Marx, abrangendo tanto as necessidades escravas da causalidade como aquelas outras, que dependem de escolhas do indivíduo, chama atenção para o fato de que mesmo a forma de organizar tais necessidades envolve “atitudes valorativas não-conscientes”¹³, isto é, as opções

¹² Para um exame mais detalhado da história desse conceito, remeto o leitor para Loparic (1999, p. 95-157) e Freud (2001, p. 15-19).

¹³ Agnes Heller, na obra *Teoría de las necesidades en Marx*, afirma que há “«necesidades naturales» y necesidades «socialmente determinadas». Sinónimo de las primeras son a menudo las «necesidades físicas», las necesidades «necesarias»; a las segundas corresponden las «necesidades sociales», al menos en el sentido amplio

que as fundamentam nem sempre se apresentam de forma tão clara ao sujeito.

Resta então deduzir que, se não há uma contradição entre a concepção da consciência como motor da atividade humana e o reconhecimento do papel das fontes não-conscientes nessa atividade, não se justifica, nem teórica e nem filosoficamente, criar uma falsa contradição entre marxismo e a psicanálise, em prejuízo de ambos.

Ocorre que isso não foi devidamente percebido pelos estudiosos marxistas os quais ao examinarem mais detidamente a concepção freudiana acerca da formação daquilo que se chama “caráter” do ser humano não teriam (e não têm) por que negar que ele constrói-se, em boa medida, a partir do material das excitações sexuais e se compõe de pulsões fixadas desde a infância¹⁴.

Esse ‘não ver’ ou o ‘não ter percebido’ decorre de que nem sempre a ciência pode enxergar além de seu tempo e nem sempre é uma condição necessária para seu avanço que tenha de fazê-lo sempre, vez que a própria atividade epistemológica é, também, reflexo das condições materiais e superestruturais — isto é, históricas e socialmente condicionadas por sua época, quer dizer: em qualquer época a ciência, o saber sempre se qualifica pelos resultados e nem sempre pelo modo de fazê-la.

E ainda que determinados contextos tenham sua importância, mas isso por si só não garante a qualidade científica dos resultados. Um exemplo foi o psicanalista que se reivindicava marxista, Erich Fromm, ao tentar esboçar — e o fazendo de forma teoricamente bastante limitada, tanto no campo psicanalítico quanto marxista — um *link* entre os pensamentos de Marx e Freud, não conseguiu desenvolver com profundidade e êxito tais concepções e os elementos centrais de como se daria tal conexão.

Resultou dessa limitação — e aqui se tenta fazer muito mais uma breve história de um problema de maior monta, o qual se desenvolverá em outros artigos — que o acento na intervenção concreta dos humanos na vida social e o insuficiente desenvolvimento dado aos fatores do inconsciente, não pode (ainda), e nem esse texto pretende, superar tal impasse e permitir à teoria marxista lograr uma interface mais completa com essa outra vertente da

de la palabra” (Heller, 1986, p. 27). Mais adiante ela subdivide as necessidades em “**necessárias**”, isto é, surgidas historicamente, não dirigidas a mera sobrevivência, para as quais os elementos culturais são decisivos e geradas mediante a produção material e aquelas outras “**radicais**”: “Dijimos con anterioridad que el concepto de «necesidades necesarias» se va modificando de los Grundrisse a El Capital. Mientras que en los *Grundrisse* se corresponde éste perfectamente con el de necesidades naturales, en *El Capital* queda subrayada la diferencia” (Heller, 1986, p. 33).

¹⁴ As aspas são do próprio Freud (2002, p. 115-116), talvez para enfatizar o caráter vago e ambíguo do termo.

cultura ocidental moderna e contemporânea.

Outro teórico que intentou uma abordagem marxista da psicanálise - sem que isso tenha significado um salto — refiro-me a Hebert Marcuse — apontou, numa direção diferente de Fromm, para a construção de uma ponte entre os dois campos, na medida em que, para ele, pelo fato de a teoria da civilização de Freud derivar de sua teoria da vida emocional, a sua visão do processo histórico emanaria da análise dos mecanismos mentais dos indivíduos, que seria a substância viva da história (Marcuse, 1975).

Tal concepção marcusiana nem se constitui numa superação de Freud, bem como necessitaria ainda de outros passos para um o entendimento das motivações inconscientes no agir humano e ajudar a entender algumas das funções clínicas da psicologia, psiquiatria e psicanálise, notadamente naquele aspecto que William Ash chama atenção que é exatamente o fato de que o tratamento psiquiátrico — apenas para tomarmos um exemplo da aplicação burguesa das descobertas de Freud — acaba por tomar a forma de uma ajuda para que os indivíduos se adaptem à vida num mundo alienado tal como o que vivemos, muito embora, e com muita probabilidade, seja exatamente essa alienação responsável em boa parte pela raiz de nossos problemas psicológicos individuais.

Lembra william Ash, citado mais acima, que isso se dá pelo fato de que o trabalho mecânico além de afetar enormemente o sistema nervoso (Ash, 1965, p. 155) termina por confiscar a atividade livre quer física quer espiritual do operário pelo que, até mesmo as medidas que tendem a facilitar o trabalho se convertem em meio de tortura, pois a máquina não livra o operário do trabalho, apenas priva-o de seu conteúdo (Marx, 1983b, p. 43).

Outras das tentativas de aproximação entre esses dois campos foram repudiadas bilateralmente. A que acabou sendo mais difundida — menos na praxis da psicanálise e mais em setores alternativistas da vida acadêmica (o alternativismo psicanalítico — que teve em Reich seu epígono — estaria para a psicologia assim com Pachukanis estaria para direito: ambos, teóricos muito limitados, mas que seu seguidores elevaram ao *status* de gênios).

Wilhelm Reich (1897-1957), que foi membro da Associação Psicanalítica Internacional (freudiana) e do Partido Comunista da Alemanha, posteriormente excluído das duas organizações (da Associação Psicanalítica Ψ , fundada por Freud, em 1934), para o qual a repressão sexual derivaria do domínio da sociedade pelos homens, em geral, e a forma de organização capitalista, em particular (Reich, 1975).

Reich acabou refutado, pelos limites de sua formulação, pelas duas correntes — a

marxista e a freudiana — na medida em que não levava devidamente em conta, conforme Freud apontava, o fato de que a repressão dos instintos sexuais cumpre, em alguns níveis, um papel civilizatório-cultural na estruturação da vida social (Freud, 2002).

Já entre os marxistas, sua teoria seria rejeitada fundamentalmente por subestimar os elementos políticos, ideológicos e econômicos na constituição de uma teoria da revolução e que ficavam secundarizados por sua concepção de “combate sexual” como elemento de proa na luta de emancipação.

E foi precisamente no exame dessas questões que Freud faz uma afirmação que seria subscrita por qualquer marxista: se uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte de seus membros depende da opressão da outra parte, parte esta talvez maior, é compreensível que pessoas assim oprimidas desenvolvam intensa hostilidade para a cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais que a cota mínima (Freud, 1997, p. 17-24).

Outra tentativa, no campo da tradição marxista, de abordar esse novo saber, ocorre com Georges Politzer (1968), numa obra de 1928, intitulada *Critique des fondements de la psychologie: La psychologie et la psychanalyse*, obra esta ainda situada nos marcos dos preconceitos que o movimento comunista nutria em relação à obra de Freud.

Tal resistência se deve muito mais por uma recusa atávica em se abrir ao estudo das inovações de um campo do saber que, de certa forma, parecia enfraquecer a tese central da valorização dos elementos conscientes na estruturação da personalidade, ou seja, por uma resistência ao novo, do que mesmo por um suposto/presuposto “estalinismo”, termo esse aplicado como um placebo mágico, na luta de idéias no campo da esquerda, a qualquer oponente que defenda suas convicções com rigor e firmeza, qualidades raras num subcampo que se reivindica marxista e que almeja, a qualquer custo, se apresentar aos conservadores como uma versão *soft* e aceitável de uma esquerda que não quer combater o capital eis que deveríamos ser — todos” — pós quase tudo”.

Essa atitude infantil de apaziguamento com um estado de coisas que no terreno material urgia (e urge) digladiar e que no campo emoci — onal desarma e esteriliza toda e qualquer alternativa e pretendia justificar a passividade, acabou por servir para encobrir os erros dos que reivindicavam uma identidade herdada do campo marxista e com a vantagem de permitir que todos se isentassem de assumir suas responsabilidades nos erros teóricos e práticos que cometiam.

No terreno da ideologia e, no caso de como a cultura marxista (não) dialogou com o campo que Freud inaugurara, é de se notar que, por isso mesmo a tal cultura ficou muito mais difícil perceber a emergência de um novo continente do saber e da relevância de um objeto até então não explorado: o inconsciente.

Note-se que, da mesma forma que a necessidade de oferecer uma fundamentação ao debate sobre as escolhas morais carecia de um maior aprofundamento pela cultura marxista, as relações entre a vida interior não consciente e a atividade consciente dos indivíduos também carecia desta mesma fundamentação.

Assim, a questão que se coloca é o seguinte: em que nível essas escolhas morais também não sofrem a influência dos elementos da vida interior, ainda que, diferentemente de qualquer irracionalismo, considere-se, no presente ensaio, a escolha moral como algo passível de racionalidade na medida em que ela pode ser situada historicamente no ambiente do conflito por interesses.

O movimento comunista, como vimos mais atrás, viveu essa polêmica, notadamente no Partido Comunista Francês e por um de seus principais teóricos — e diga-se, com formação em psicologia — Georges Politzer. Posteriormente, esse mesmo debate veio a ser resgatado por Althusser, em seu permanente diálogo com a obra de Lacan.

Um breve apanhado dessa discussão é o que se passa a expor na próxima parte e seus rebatimentos na construção de uma explicação marxista para o problema de uma interpretação histórica e classista da escolha moral, em seus aspectos ligados tanto a racionalidade do consciente quanto ao que tem de inconsciente e instintivo, que é do que tratará a próxima seção, na qual uma das obras de Georges Politzer vem à baila e na qual, ainda que se contrapondo a Freud, esse pensador francês visivelmente faz uma leitura como que prudente, parecendo-nos perseguir a finalidade de não desprezar o conjunto ao se voltar para o detalhe.

4 A CRÍTICA MARXISTA NO TOCANTE À QUESTÃO DO INCONSCIENTE E OS SEUS LIMITES

Assim, a crítica de Politzer à psicanálise acabou por servir de fonte a um texto de 1949, texto este intitulado *Autocrítica: psicanálise, uma ideologia reacionária*, publicado na revista *La nouvelle critique*, órgão teórico do Partido Comunista da França e na qual renomados profissionais do ramo o assinam, afirmando que “ao fim de nossa autocrítica, a convicção de que o conjunto das teorias psicanalíticas está contaminado pelo que nós podemos denominar

de um princípio mistificador” (Althusser, 1985, p. 11).

A questão que ficou ao largo, tanto na crítica quanto na defesa dogmática da psicanálise é que da mesma forma que não se pode e nem se deve situar o marxismo como uma metateoria cuja função — dentre outras — seria criticar os pressupostos dos demais campos do saber, sem ter quem o critique, isto é situando-o num ponto equidistante das demais formas do saber enquanto “padrão de verificação”, também há que se entender que não é razoável crer que uma teoria psicanalítica que se preze seja dispensada, isto é, não tenha o dever metódico de examinar suas próprias condições de possibilidade e assim encetar o exame dos seus próprios pontos de partida teóricos.

E tais pontos de partida básicos que Freud considerou essencial serem assumidos em bloco para alguém reivindicar a pertença à sua psicanálise seriam:

- a)** a aceitação do pressuposto acerca da existência de processos mentais inconscientes;
- b)** o reconhecimento da teoria da resistência e da repressão (recalque);
- c)** a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo.

Tais temas constituíam-se, para Freud, nos pontos principais e nos fundamentos da teoria psicanalítica, sendo de notar que, nesses campos, fica estabelecida uma identidade entre Marx e Freud, na medida em que a base comum entre eles foi, fundamentalmente, o esforço em romper pontos de partida permeado de ilusões e mal-entendidos teóricos e com isso fossem criadas as condições teóricas que permitissem superar as diversas formas de idealismo, proporcionando ao ser humano não apenas uma nova visão da realidade mas romper com aquelas condições que precisavam de ilusões para se perpetuarem.

Mas é preciso notar que aqui se tem, também, um campo minado de atos falhos, ocultações e racionalizações ligadas às próprias condições com que pensadores examinaram as vicissitudes do reconhecimento da psicanálise e da ética pelo campo teórico ao qual pertenciam.

Dessa forma, parece-nos não restar dúvida, a essa altura do trajeto teórico percorrido, que consciente e inconsciente — ou em outra forma de apresentar a antítese, razão e emoção — jogam papel decisivo em qualquer atividade humana e, *a fortiori*, nas atividades que constituem a essência do ser humano e do mundo, ambas, fundamentalmente, transformadoras, o que situa a problemática emocional como algo carente de maior fundamentação por este campo de pensamento, da mesma forma que os moralistas erram ao abstrair de suas análises os problemas estruturais.

Se for reconhecido de forma explícita e por via da célebre sentença contida na “Introdução à Crítica da Economia Política”, de Marx, na qual se afirma categoricamente que “não é a consciência que determina o ser social e sim o oposto”, não é também razoável considerar que se possa excluir, em função desse papel dos fatores da consciência, qualquer possibilidade de algum nível de determinação inconsciente.

Por isso mesmo não se pode olvidar das já provadas possibilidades de como esses elementos inconscientes rebatem sobre a própria atividade humana, nas suas escolhas sobre valores, nas suas condutas e mesmo nas suas relações com Estado, poder e direito, aquela esfera na qual uma forma especial de contenção, via normas coercitivas, se impõe, se preciso, sobre, contra e até mesmo, apesar do indivíduo.¹⁵

E isso ocorre pelo fato de que não existe sociedade humana, mesmo as mais primitivas, que não vise tornar seus membros responsáveis mesmo pelos comportamentos não motivados, atitudes por meros reflexos e aquelas cujos móveis foram fatores alheios à consciência (Luporine, 1985, p. 62)¹⁶ e, diferentemente do marxismo, cuja visão da história é claramente otimista do ponto de vista do desenvolvimento humano, a teoria psicanalítica é um tanto mais cética. É o que se evidencia, de imediato, da leitura, por exemplo, de textos de Freud tais como *O mal estar na civilização* e de *O futuro de uma ilusão*.

Seja de se notar que isso se explicaria por uma peculiaridade: Marx analisou a sociedade do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, isto é, do ponto de vista coletivo. Ele funda uma ciência: o materialismo histórico, enquanto Freud foca os obstáculos emocionais, isto é, individuais, que se opõem ao pleno desenvolvimento das potencialidades que cada um pode desenvolver e vai buscar as raízes desse obstáculo com as ferramentas do que hoje se pode considerar um novo continente científico, com método e objeto próprios: o inconsciente.

A diferença entre a visão de futuro de Freud e Marx pode ser situada na relativa descrença de Freud quanto a um desenvolvimento positivo dessas contradições. Seu otimismo

¹⁵ Sobre tal peculiaridade da forma jurídica, na qual, muitas vezes a sanção é confundida com a coação e nesta, misturando-se, a bel-prazer do leigo, a juridicamente autorizada daquela outra coação de caráter delituoso recomendo a leitura do texto de Freud intitulado *A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos*, publicado em Freud (s/d, p. 55-64); também sugerimos a leitura de Kelsen (1922, p. 97-141). O texto deste último pode ser lido numa tradução brasileira de uma coletânea de textos de Kelsen (2000, p. 301-344), cujo título geral é *A Democracia*.

¹⁶ Luporine trata sobre um debate entre marxistas europeus, ocorrido na Itália, nos anos sessenta, promovido pelo Instituto Gramsci e com intervenções de Roger Garaudy, Jean-Paul Sartre, Adam Scahff, Karel Kosik, Galvano Della Volpe, entre outros.

não é algo tão estabelecido, ao contrário. Em consequência, existe na psicanálise certo pessimismo radical visto que, para ele, os grandes antagonistas, o amor e o ódio, estão em permanente luta pelo controle da vida social do homem, de forma idêntica à luta pelo seu inconsciente, com modo e táticas muito parecidos.

Porém, para Freud, os instintos de agressividade além de cumprirem um papel positivo no desenvolvimento humano, não foram criados por via da instituição da propriedade privada e, portanto, não seriam eliminados com a sua supressão.

Por fim, se trata de notar que se constituiu lugar comum da teoria psicanalítica o reconhecimento que, no conjunto das formulações freudianas, duas questões foram amplamente confirmadas, teoricamente e pela experiência, elevando-se ao status de princípios daquele campo do saber:

I. O princípio do determinismo psíquico (ou da causalidade) que, grosso modo, advoga que na mente, assim como na natureza física, nada é casual ou fortuito, fato que Freud captou com agudeza, ao assinalar que “certos atos aparentemente não intencionais revelam-se, quando os confiamos ao exame psicanalítico, como perfeitamente motivados e determinados por razões que escapam à consciência”, não existindo assim descontinuidade na vida emocional. (Freud, 2003, p. 267).

Ora, quanto a esta primeira apreciação, basta-nos, pois, uma leitura de qualquer manual de iniciação ao marxismo para ver como esse princípio se assemelha com a primeira característica da dialética ou lei da ação recíproca e da conexão universal, pela qual tudo se relaciona.

E isso ocorre — e é uma via de aproximação entre marxismo e filosofia — porque os contextos de estruturação das duas formas de reflexão são muito semelhantes. Assim, tem-se uma primeira relação entre marxismo e psicanálise (visto que se trata apenas de um reconhecimento, por parte de dois cientistas, ainda que em contextos diversos, de uma lei natural).

Outra similitude a anotar é a de que não se deve ignorar que Freud tinha uma visão materialista, científica, muito embora tal não se deva confundir com uma visão otimista ou escatológica, o que nos conduz ao exame do seguinte aspecto abaixo posto:

II. O segundo princípio traz uma novidade — e este é o aspecto não percebido e/ou não valorizado pela tradição marxista: a existência (e o significado extremamente relevante) de processos mentais dos quais o indivíduo não se dá conta, isto é, acerca dos quais não tem

consciência (o que é evidente não o torna casual e sim apenas que suas conexões, extremamente determinadas, não se apresentam de forma consciente).

Ora, é de se registrar que o desenvolvimento da teoria marxista, especialmente por Lênin, não levou em conta esses aspectos, mas apenas os da consciência, para a formação de uma ideologia de classe, o que faz com que o domínio, pelos membros de uma classe social, dos fatores que os sujeitam e limitam em suas potencialidades dependa unicamente (e não principalmente) de elementos claramente perceptíveis e não de outros fatores que nem sempre agem explicitamente (mais precisamente o *background* propiciado pela vida emocional,) fato que não poderia, objetivamente, ser percebido nos mrcos de uma teoria cuja abordagem, foco e objeto não lidavam com os elementos inconscientes, conquista da ciência posterior.

Tais elementos, estruturantes na atividade política e ideológica e, coincidentemente, ignorados por essa mesma tradição no interior do marxismo — elaboraram a relação com a figura dos líderes, indubitavelmente uma projeção da figura do pai.

Assim, e talvez por não ter feito um movimento de compreender a relação com aquilo que simbolizava a figura paterna e por não ter aprofundado a compreensão do que essa tradição — que do ponto de vista da emoção seria um sucedâneo dessa figura — jogou na constituição de sua própria história, é que essa geração que sucedeu aos dirigentes do período mais complexo da história (consciente) da humanidade passaram a destilar toda sua pulsão de morte, isto é, seu ódio, contra o seu próprio passado, tal como Édipo em relação ao seu, qu se materializava na figura paterna e na luta que com ele travava pelo amor da mãe.

A história recente do que se convencionou chamar socialismo real e que ruiu, entre tantas causas fundamentalmente por uma limitação quanto à própria consciência de si, pela falta de luta política e ideológica no interior da administração, no inerior do próprio Partido dirigente e mesmo nas frentes de massa, conduziu o socialismo realmente existente a uma derrota que, talvez, possa ser vista, lida e estudada enquanto uma releitura moderna dessa tragédia de Édipo.

E, muito embora, num primeiro momento, Althusser tenha tentado encetar uma reaproximação entre a consciência (o marxismo) e a compreensão das pulsões (a psicanálise), sua releitura estava irremediavelmente prejudicada pela incompreensão da sua própria história e de como — ele e outras figuras de proa daquele momento histórico — já não se reconheciam, tanto moral como emotivamente e historicamente, menos ainda política, orgânica e ideologicamente, na trajetória que em um dado momento percorreram.

Talvez por não ter feito um movimento de compreender a relação com aquilo que simbolizava a figura paterna e por não ter aprofundado a compreensão do que essa tradição — a qual, do ponto de vista da emoção, seria um sucedâneo da figura do pai — jogou na constituição de sua própria história, é que essa geração que sucedeu aos dirigentes do período mais complexo da história (consciente) da humanidade passaram a destilar toda sua pulsão de morte, isto é, seu ódio, contra o seu próprio passado, tal como Édipo em relação ao seu.

E quanto a isso pode se dizer que o processo que denominaram de “desestalinização” teve muito de um — assim poderíamos falar — edipianismo ideológico com tantas pessoas se escondendo de seu próprio passado e os mais ferrenhos “estalinistas” clamando, como certa personalidade da nossa vida acadêmica e política, para que “esqueçam o que escrevi”, prato cheio para infinitas sessões e, certamente, de uma abordagem de psicanálise que contribua para com certa “esquerda arrependida” ao lhe permitir alguma forma de reflexão sobre o seu próprio caráter e firmeza — ou da falta de ambos, o que seria a hipótese mais provável para certos e-quase tudo, como já dito mais acima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se sugeriu na hipótese inicial acerca do objeto do presente artigo ensaístico e cujos pontos de partida foram objetos de reflexão, o que é próprio de tal forma, talvez por isso mesmo algo psicanalítica, iniciamos com um pressuposto: ainda que a moral objetive dar conta da necessidade social de regular as relações dos indivíduos numa certa direção, tal atividade é vivenciada também pelo sujeito, como um processo subjetivo.

O desenrolar do presente texto confirma, a nosso ver, tal ponto de partida na medida em que ao perquirir sobre as conexões e tensões nas relações entre a perspectiva marxista acerca da moral e suas relações com a vida interior e como tal vivência implica — e é implicada — pelas nossas práticas sociais, permite-nos não apenas um exame mais adequado da vida ética e como ela dirige e é influenciada por nossas escolhas morais.

Pelo caráter algo aberto (por que não dizer, zetético) e pela diversidade de respostas que nos permitiu a natureza experimental/ensaística do artigo, é nosso entendimento que a hipótese inicial apontava numa direção correta ou ainda nos permitiu melhor vislumbrar possíveis respostas pelo fato de que fomos não apenas reformulando as indagações mas, essencialmente, vendo novas angulações do problema.

E, mais especialmente, a de que não obstante as formas pelas quais a moral coletiva se

apresente, ela efetivamente (isto é, no mundo prático e da praxis) tem como função atender a uma necessidade social, qual seja, a demanda dos agrupamentos sociais em disciplinar suas relações e o fazer de forma direcionada aos valores histórica e socialmente construídos e que expressam, subjetivamente, realidades e escolhas historicamente objetivas.

Isto por que é valores e moralidade são necessidades sociais vez que egoísmo e abnegação não se constituem em antítese rígida e são formas de interiorização de uma objetividade: a luta cotidiana dos seres humanos que, na vida ética se expressa por disputa de significado acerca da — seja permitido a forma algo pleonástica — hierarquização dos valores mais/menos valiosos, processo esse que não ocorre por fora da luta de classes e da disputa de significados em qualquer agrupamento humano.

E ainda que o mundo dos valores, da moralidade, com a axiologia (individual ou social) que corresponda mais ou menos a sua necessidade histórica e que objetivamente possa dar conta (ou não) das demandas pela concretização de certos valores e pela mera formalidade de outros, esse processo será sempre social e necessidade coletiva de regular as relações humanas em sentidos que corresponda aos valores vencedores na luta social, embora — e como se viu — isso seja manifestado na sociedade e nos seus componentes em sua forma subjetiva, o que não nos permite confundir aparência com essência.

Tal tipo de conclusão só é possível se e na medida em que não se deixe de levar em conta que toda e qualquer reflexão que pretenda compreender os fundamentos das relações entre qualquer forma de realismo (o marxismo o é) e a vida interior (enquanto subjetividade e objeto da psicanálise) e pretender refletir acerca de tal relação só o pode fazer de forma completa na medida em que tiver o exame da vida psíquica também como práxis social (o que a difere da prática como mera *poiesis* — ou seja, simples produção de objetos).

É de se concluir o presente texto, não como verdade única e definitiva, mas como hipótese a desaguar em novos problemas (e novas pesquisas) destacar que esses dois campos que tratamos — marxismo e psicanálise, não apenas guardam especificidades mas que o ineditismo e a originalidade de ambos se deu não apenas pelos seus objetos (o inconsciente e a luta de classes), mas pela abordagem pelo viés dos conflitos humanos: a luta de classe e as pulsões, ainda que adotando pontos de partida, itinerários e conclusões diversas. afirmaram enquanto impossíveis e falsos problemas se pretender compreender e interpretar a história social consciente, sua expressão emocional, consciente ou não, sem que se leve em conta os conflitos “demasiadamente humanos” a partir de seus fundamentos — a vida concreta em seu terreno

material e conciente e sua base psico-emotiva, parte dela consciente e em muito boa parte, inconsciente e recalcada.

Foi — como afirmado inicialmente como hipótese, que a tradição fundada por Marx não se limitou a pensar aqueles “problemas demasadamente humanos” — para evocar o irracionalista Nietzsche — apenas pela aparência enganadora das coisas e, em contrafação, nem a psicanálise as buscou pensar somente a partir de uma abordagem superficialmente emocional, com o que essas correntes teóricas e práticas abordaram aqueles conflitos enquanto elementos constitutivos da vida humana quer por sua base material quer em suas consequências emocionais, acentuando-os conforme a realidade concreta em suas especificidades.

E foram, por fim, os esforços para a superação do conceber aquelas esferas — tanto a emocional quanto a econômica como se fossem componentes antíteses rígidas e sem tensão dialética, o que as esteriliza de seu potencial não apenas cognitivo mas também emancipador uma vez que as mesmas naa mais do que formas e manifestações concretas da vida e dos interesses humanos em disputa ou seja, da (e na) história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Tradução: Jorge de Almeidaão Paulo: Editora 34, 2003.

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. Tradução: Walter José Evangelista. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ASH, William. *Marxismo e moral*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

BOTTOMORE, Tom (Org). *Dicionário do pensamento marxista*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DESCARTES, René. *Discurso do método* (com comentários de Denis Huisman). Brasília: Editora da UnB, 1989.

ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica Alemã. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *Marx e Engels: Obras escolhidas, volume 1*. São Paulo: Edições sociais, 1977.

FEITOSA, Enoque. *O marxismo e o problema da escolha moral*. Tese doutoral em Filosofia. João Pessoa: UFPB-UFRN-UFPE: Programa Integrado de Doutorado em Filosofia, 2010.

FREUD, Sigmund. A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 8 (1906-1909)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, s/d, p. 55-64.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. José Octávio de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, S. *Esboço de psicanálise*. Tradução: Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução: Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida quotidiana*. Tradução: Paulo César de Souza e Fernando Costa. Lisboa: R.A. Editores, 2003.

FROMM, Erich. *Meu encontro com Marx e Freud*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1975a.

FROMM, Erich. Eros e civilização: Uma crítica filosófica ao pensamento de Freud. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975b.

FROMM, Erich. *Humanismo socialista*. Tradução: Artur Morão. Buenos Aires: Paidós, 1978.

GAY, Peter. Freud, una vida de nuestro tiempo. Barcelona: Paidós, 1988.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HELLER, Agnes. *Teoría de las necesidades en Marx*. Tradução: J. F. Yvars. Barcelona: Península, 1986.

HUME, David. A Treatise of Human Nature. London: Clarendon Press, 1997.

HUME, David. *Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais (1739)*. Tradução: Déborah Danowski. São Paulo: Unesp, 2001.

HUME, David. A arte de escrever ensaios e outros ensaios (morais, políticos e literários) [1741]. São Paulo: Iluminuras, 2020.

KELSEN, Hans. *El concepto de Estado y la psicología social (teniendo como referencia especial la teoría de las masas según Freud) [Der Begriff des Staates und die Sozialpsychologie]*. Rio de Janeiro: Imago, 1922, Band VIII, p. 97-141.

KELSEN, Hans. O conceito de Estado e a psicologia social. In: *A democracia*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 301-344.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura* (prefácio da primeira edição, A-XVIII-XIX). 5 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.

LOPARIC, Zeljko. O conceito de trieb na psicanálise e na filosofia. In TORRES MACHADO, Jorge (Org). *Filosofia e psicanálise*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LOPES, Carlos. *Freud e Marx: conexões e divergências na busca pela compreensão humana*. Disponível em: <<https://grabois.org.br/2025/02/11/freud-e-marx-conexoes-historicas-e-divergencias-na-busca-pela-compreensao-humana/>> - Publicado em 11 fev. 2025 In: Portal Vermelho. Acesso em: 16 fev. 2025a.

LOPES, Carlos. *Freud e o marxismo*. Disponível em: <<https://horadopovo.com.br/freud-e-o-marxismo/>>. Publicado em 12 fev. 2025b. Acesso em: 16 fev. 2025b.

LUKÁCS, György. *Marx, Ontologia del ser social*. Tradução: Manuel Sacristán. Madrid: Akal, 2007.

LUPORINI, Cesare. As raízes da vida moral. In: *Moral e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MAGALHÃES, Fernando. A opressão dos mortos: o testamento não escrito de Marx. In: *Perspectiva Filosófica*, vol. 5, nº 10, jan.-dez. 1997-8. Recife: UFPE, 1998.

MARCUSE, Herbert. *Eros e a civilização*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Civilização, 1975.

MARX, ENGELS. *La sagrada familia*. Tradução: Eugenio Yáñez. Buenos Aires: Claridad, 1971.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto of the Communist Party. In: *Great books of the western world*, vol. 50 (Ed.: Robert Maynard Hutchins). London: Encyclopedia Britannica, 1982.

MARX, Karl. En torno a la crítica de la filosofía del Derecho de Hegel – Introducción. In: MARX, Karl. *Escritos de juventud* (Org.: Wenceslao Roces). Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1982, p. 491-504.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, 1º volume. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril, 1983a.

MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, 2º volume. Tradução: Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril, 1983b.

MARX, Karl. Cartas de Marx a Arnold Ruge. In: MARX, Karl. *Escritos de juventud*. (Ed.: Wenceslao Roces). México: Fondo de Cultura Económica, 1987a.

MARX, Karl. Lutero como árbitro entre Strauss y Feuerbach. In: MARX, Karl. *Escritos de juventud*. México: Fondo de Cultura Económica, 1987b.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A sagrada família*. Tradução: Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2003.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo:

Boitempo, 2005a.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Tradução: Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005b.

MARX, Karl. Cartas de Marx a Arnold Ruge (Kreuznach, setembro de 1843). In: *Escritos de Juventud sobre el Derecho: Textos 1837-1847* (Ed.: Rubén Jaramillo). Barcelona: Anthropos, 2008.

OLIVEIRA, Manfredo. *Ética e sociabilidade*. São Paulo: Loyola, 1997.

PIMENTEL PEQUENO, Marconi J. *A moral e as emoções*. Curitiba: CRV, 2017.

POLITZER, Georges. *Critique des fondements de la psychologie: La psychologie et la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

REICH, Wilhelm. *O combate sexual da juventude*. Tradução: Jorge Silvano. Porto: Dinalivros, 1975.

TORRES MACHADO, Jorge (org.). *Filosofia e psicanálise*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

VASQUEZ, Adolfo S. *Ética*. Rio de Janeiro: Tradução: João Dell'Anna. Civilização Brasileira, 1985.

VVAA. *Bíblia sagrada* (novo testamento). São Palo: Paulinas, 2024.